



# Prática Docente – O Desafio Inicial

## Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP, ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro.

**Orientadora:** Professora Doutora Paula Silva

José Pedro Quintas de Oliveira Ramalho Ferreira

Porto, setembro de 2013

### **Ficha de catalogação**

Ferreira, J. P. (2013). Prática Docente – O Desafio Inicial. Porto: J. P. Ferreira  
Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em  
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à  
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL,  
REFLEXÃO, ESTRATÉGIAS, APRENDIZAGEM.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha Família, pelo constante apoio ao longo deste percurso e pelo tempo roubado às horas de convívio.

À minha orientadora Professora Doutora Paula Silva, manifesto a minha gratidão, pela incondicional disponibilidade e pelas sugestões pertinentes na orientação de todo o trabalho.

À professora cooperante, Mestre Maria do Ceu Mota, agradeço o incansável apoio e o investimento caloroso com que sempre me incentivou na operacionalização do trabalho.

Ao António Oliveira e Jason Baptista pela amizade e apoio permanente.

A todos os docentes e colegas do mestrado, que direta ou indiretamente contribuíram para o meu enriquecimento académico e profissional.

A todos os docentes e alunos da Escola Secundária da Boa Nova envolvidos no presente trabalho.



## ÍNDICE GERAL

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>III</b>
<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	<b>V</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS</b> .....	<b>VIII</b>
<b>ÍNDICE DE ANEXOS</b> .....	<b>IX</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>XI</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>XIII</b>
<b>ABREVIATURAS</b> .....	<b>XV</b>
<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>II. DIMENSÃO PESSOAL</b> .....	<b>5</b>
2.1. Reflexão Autobiográfica .....	7
2.2. Espectativas para o Estágio Profissional .....	9
<b>III. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL</b> .....	<b>11</b>
3.1. Caracterização do Contexto de Estágio .....	13
3.2. Enquadramento Funcional .....	14
3.2.1 <i>A Escola Cooperante</i> .....	14
3.2.2 <i>O Grupo de Educação Física</i> .....	16
3.2.3 <i>A Turma</i> .....	17
<b>IV. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL</b> .....	<b>19</b>
4.1. AREA 1 – “ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM .....	21
4.1.1 O primeiro contato com a Escola .....	21
4.1.2 Conceção e Planeamento – A primeira tarefa do professor.....	22
4.1.3 Realização – Experiencias Vividas na Pática do Ensino.....	24

4.1.3.1 O Controlo da turma .....	25
4.1.3.2 Gestão do tempo de aula .....	29
4.1.3.3 Aulas observadas .....	31
4.1.4 AVALIAÇÃO.....	35
4.1.4.1 Avaliação Diagnostica .....	36
4.1.4.2 Avaliação Formativa .....	37
4.1.4.3 Avaliação de conhecimentos .....	38
4.1.4.4 Avaliação Sumativa .....	39
4.1.4.5 Avaliação Final .....	40
4.2. AREA 2 e 3 – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÕES COM A COMUNIDADE .....	42
<i>Reuniões de escola</i> .....	45
4.3. AREA 4 – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL .....	47
ESTUDO: A influência dos diferentes Estilos Educativos Parentais nos contextos da prática da Atividade Física dos jovens.....	48
<i>INTRODUÇÃO</i> .....	48
<i>METODOLOGIA:</i> .....	50
<i>Amostra:</i> .....	50
<i>Instrumentos:</i> .....	50
<i>Procedimentos:</i> .....	51
<i>Análise de Dados:</i> .....	51
<i>Discussão de dados:</i> .....	54
<i>Conclusão:</i> .....	55
<b>V. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS PARA O FUTURO .....</b>	<b>57</b>
<b>VI. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>67</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Recinto Escolar Figura 1 .....	15
--------------------------------	----

## ÍNDICE DE QUADROS

Tabela 1. Atividades Propostas pelo grupo de Educação Física.....	42
Tabela 2 – Correlação bivariada entre dimensões do QEEP e o QAF.....	52
Tabela 3 Correlação da participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP .....	52
Tabela 4 - Correlação participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP – separadas por género .....	53

## ÍNDICE DE ANEXOS

**Anexo I** – Ficha de observação dos incidentes críticos.

**Anexo II** – Ficha de observação dos comportamentos do professor.

**Anexo III** – Ficha de observação dos comportamentos dos alunos.



## RESUMO

O presente relatório de estágio constitui-se como um documento reflexivo da prática realizada na unidade curricular de Estágio Profissional enquanto Estudante Estagiário do Ensino de Educação Física, compilando um conjunto de experiências e vivências que me marcaram durante este processo de formação e transformação como futuro profissional de educação.

O estágio profissional decorreu no ano letivo de 2012/2013 na Escola Secundária da Boa Nova em Leça da Palmeira, concelho de Matosinhos, distrito do Porto, num núcleo de estágio com três elementos, sob a cooperação de uma professora do quadro dessa escola e sob orientação de uma professora da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Este relatório encontra-se organizado em cinco capítulos: o primeiro capítulo consiste numa introdução ao presente documento; o segundo capítulo faz referência à reflexão biográfica onde descrevo o meu percurso pessoal com influência na minha escolha pela área do desporto, e onde também abordo as expectativas para o estágio; o terceiro capítulo engloba toda a contextualização onde vou desenvolver o estágio; o quarto capítulo é o ponto fulcral deste documento onde reflito sobre as minhas vivências nas diferentes áreas de desempenho: “Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, “Área 2 e 3 – Participação na Escola e Relação com a Comunidade” e “Área 4 – Desenvolvimento Profissional”, inserindo-se também um estudo onde relaciono de que forma os estilos educativos parentais podem influenciar os contextos em que os jovens realizam a atividade física; por fim o quinto capítulo apresenta uma conclusão sobre esta experiência e perspetivas para o futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, REFLEXÃO, ESTRATÉGIAS, APRENDIZAGEM.



## ABSTRACT

This final paper is composed of a reflection on the practice carried out in the traineeship course unit as a trainee student in Physical Education teaching. Throughout the traineeship period there was a group of experiences which I consider very significant as a future educational professional.

The traineeship was held in 2012/2013 school year, at the Boa Nova Secondary School in Leça da Palmeira, Matosinhos, Porto. The traineeship group was composed of three elements in partnership with a permanent member of the staff school and under the supervision of a professor from the Porto Sport Faculty.

This report is organised in five chapters: the first consisting of an introduction; the second refers to a biographical reflection about my career path with influence in my choice for the field of Sport along with my expectations for the traineeship; the third chapter refers to and puts in context where the traineeship is going to be held. The fourth chapter is the most important because I reflect upon my experiences in the different performing fields: "Field 1 – Organisation, Teaching and Learning Management" "Field 2 and 3 Participation in School and Relationship with the Community" "Field 4 - Professional Development" in which I also include a study on how the different parental styles may influence how young people practice Physical Education; Finally the fifth chapter presents a conclusion about this experience and the expectations for the future.

**Keywords:** Physical Education, Traineeship, Reflection, Strategies, Learning.



## **ABREVIATURAS**

**EP** – Estágio Profissional

**RE** – Relatório de Estágio

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**EF** – Educação Física

**MEC** – Modelo de Estrutura do Conhecimento

**EE** – Estudante Estagiário

**ESBN** – Escola Secundaria da Boa Nova

**PC** – Professora Cooperante

**PO** – Professora Orientadora

**EEFEBS** – Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**FADEUP** – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

**QEEP** – Questionário de Estilos Educativos Parentais

**QAF** – Questionário de Atividade Física



## **I. INTRODUÇÃO**



## INTRODUÇÃO

“A Qualidade nunca é um acidente. É sempre o resultado de um esforço inteligente.”

(John Ruskin)

No âmbito da unidade curricular de estágio profissional (EP), inserida no 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (EEFEBS), apresento o meu relatório de estágio (RE), tendo como objetivo refletir sobre o trabalho realizado ao longo deste processo.

O EP foi realizado na Escola Secundaria da Boa Nova (ESBN), em Leça da Palmeira, concelho de Matosinhos - distrito do Porto, no ano letivo de 2012/2013, onde exerci as funções de professor numa turma do 10º ano de escolaridade.

Não posso deixar de realçar os princípios que para mim são fundamentais em educação e que norteiam a minha prática letiva: primar por níveis altos de qualidade, observar, planejar, proporcionar aprendizagens e avaliar. Valorizo também uma boa relação entre professor/aluno e com todos os elementos que fazem parte da comunidade escolar, por isso, desde início estabeleci com todos uma boa relação.

Estando ciente que só uma ação consciente e coerente do professor permite que os alunos beneficiem de um ambiente de aprendizagem de qualidade, onde todas as suas capacidades são desenvolvidas, valorizei sempre a reflexão sobre a minha prática na busca do sucesso educativo.

Nesta fase, deste ciclo de estudos houve oportunidade de trabalhar e refletir, em estreita ligação com outros estudantes estagiários (EE) e professora cooperante (PC), sempre com uma orientação eximia da professora orientadora (PO), sendo muito gratificante pois permitiu partilhar e discutir

informações e estratégias de ensino/aprendizagem, melhorando e enriquecendo a minha prática enquanto futuro profissional da educação.

Foi na constante triangulação de referências bibliográficas e articulação entre a teoria e a prática ligada a um processo de planeamento, ação e reflexão constante que fortaleci todo este processo que se caracteriza pelo início da carreira de professor.

Este RE apresenta-se estruturado em cinco capítulos: no primeiro capítulo descrevo uma breve introdução, o segundo capítulo refere-se à dimensão pessoal onde faço um enquadramento biográfico da minha pessoa e aponto expectativas para a prática de ensino supervisionada (PES), o terceiro capítulo trata do enquadramento profissional onde apresento a escola e a turma na qual desenvolvi a PES, o quarto capítulo é o ponto central deste documento onde reflito sobre o trabalho desenvolvido, apresentando as dificuldades sentidas e estratégias para as superar, por ultimo no quinto capítulo faço uma conclusão sobre este percurso da minha vida de estudante apresentando também algumas perspetivas para o futuro.

## **II. DIMENSÃO PESSOAL**



## **DIMENSÃO PESSOAL**

### **2.1. Reflexão Autobiográfica**

Deparo comigo a reviver o passado, e a refletir sobre velhas memórias, tentando perceber quais os caminhos que me conduziram até ao presente momento. Momento este, de elevada importância pois encontro-me a redigir o Relatório de Estágio, documento fundamental para terminar o Mestrado em Ensino na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Numa retrospectiva da minha vida consigo recordar muitos momentos relacionados com a atividade física e desportiva. Tendo sido os meus pais praticantes de desporto, desde de cedo me encaminharam e incentivaram para a prática do mesmo.

Foi logo aos 3 anos de idade que iniciei uma atividade física regular e orientada, a natação. A partir daí sempre estive ligado a alguma atividade física ou desporto, e por vezes conciliando mais que uma atividade física. Além da natação, que me foi acompanhando por toda a vida, explorei outros desportos: com 7 anos de idade iniciei-me no karaté, mas não fiquei por aqui, aos 9 anos de idade troquei este desporto pelo hóquei em patins, o que teve a duração de 4 anos de prática. Aos 13 anos de idade, por influência das amizades, voltei a trocar de desporto, assim integrei uma equipa de futsal por uma época. Apesar de ter sido uma experiência excelente foi uma modalidade que não me fascinou, o que fez com que aos 14 anos de idade passasse a praticar polo-aquático, tendo sido este o desporto que mais me fascinou e me vai fascinando até ao momento. Sendo este o desporto que se coaduna na perfeição com a minha maneira de ser, não o abandonei, para fazer uma experiência de duas épocas a competir em bodyboard, desporto este que surgia na época estival.

Com esta diversidade de desportos com o qual me relacionei durante esta fase da minha vida é fácil de perceber que gosto de desporto e da prática desportiva. Por este mesmo motivo a quando da transição do 9º para o 10º ano de escolaridade, primeiro momento em que temos que começar a alinhar o

nosso futuro e passar a optar por uma área de estudos a seguir, a opção de Científico-Natural com vertente de Desporto foi a minha escolha, pois era a única que enquadrava no meu desejo e perfil.

A prática desportiva fascina-me, pois a maioria dos melhores momentos retidos na minha memória foram proporcionados pelas vivências em desportos com os quais estive envolvido. As grandes e duradouras amizades que me acompanham nos dias de hoje, foram estabelecidas devido ao espírito de equipa e companheirismo que nos é inculcido com o desporto. Muitas viagens e momentos de alegria foram proporcionados devido às participações em competições e torneios.

Por estes motivos, na hora de concorrer para o ensino superior não restava dúvidas que seria um curso na área do desporto a minha opção. Sendo natural e residente na Póvoa de Varzim, o meu sonho foi, como é óbvio, entrar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), pela excelência do ensino que oferece, assim como pelo profissionalismo do pessoal docente e boas instalações.

A par da entrada na faculdade, surgiu-me uma ótima oportunidade, a de ser treinador adjunto de uma equipa de infantis de polo-aquático, o que proporcionou-me a aplicação dos conhecimentos teóricos que ia adquirindo. Duas épocas mais tarde, fui convidado a assumir o cargo de treinador principal de uma equipa de infantis de polo-aquático num clube da Póvoa de Varzim, que se tornou uma excelente oportunidade para implementar estratégias de planeamento e lideranças, que vieram a ser uteis no futuro.

Resumindo todas as experiências que fui referenciando acima, a diversidade de desportos que pratiquei permitiram-me absorver e vivenciar uma multiplicidade de perspetivas de ensino da prática desportiva. Enquanto treinador pode aprimorar algumas competências essenciais para o ser professor. Apesar de estar a par das dificuldades, transmitidas pelos média, relativas ao ensino, o meu objetivo sempre passou por um dia lecionar numa escola, daí ter sido imprescindível a minha opção em seguir para o Mestrado de Ensino.

## 2.2. Espectativas para o Estágio Profissional

*“Tornar-se professor constitui um processo complexo, dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo de diferentes etapas formativas. Não se trata de um ato mecânico de aplicação de destrezas e habilidades pedagógicas, mas envolve um processo de transformação e (re)construção permanente de estruturas complexas, resultante de um leque diversificado de variáveis.”*

*(Pacheco e Flores, 1999)*

Num rápido pensamento sobre o Estágio Profissional (EP) consigo esperar um ano repleto de experiências que me farão crescer a nível pessoal, mas essencialmente a nível profissional, pois este é o derradeiro desafio na formação do ser professor.

Durante o EP coexistem uma diversidade de papéis com diferentes funções que acabam por complexar as ideias, pois para além de este ser o primeiro ano em que exercerei as funções de professor em pleno, ainda encontrando-me no último ano de formação tendo que saber gerir o meu papel enquanto aluno. Considero-me que serei um “aluno-professor”, onde terei que pôr em prática e refinar todos os conhecimentos que fui adquirindo ao longo dos vários anos de formação, e ao mesmo tempo pesquisar e adquirir novos conhecimentos e competências.

Ao pensar nas funções inerentes à experiência que se aproxima fico apreensivo relativamente às responsabilidades que vão estar associados às minhas ações, pois passarei a ser responsável por um grupo de cerca de 20 alunos, onde terei que transmitir e ensinar as competências de todo o programa de ensino. Para além da parte mais prática do ensino - as aulas, tenho consciência da existência de todo um contexto extra sala de aula, nomeadamente: a relação social e profissional com os alunos, com os restantes docentes, com os funcionários e com os encarregados de educação,

assim como as variadas exigências e tarefas burocráticas subjacentes à atividade docente, para as quais tenho que estar preparado.

Por outro lado, algo apaziguava toda esta minha ansiedade, que era saber que iria vivenciar esta experiência acompanhado de verdadeiros amigos, os colegas de estágio que iriam partilhar a escola comigo, assim como saber que iria ter alguém com muita mestria que estaria sempre presente para nos apoiar e orientar na escola, a nossa professora cooperante e ainda uma professora orientadora na faculdade sempre disponíveis nesta dura caminhada, auxiliando-nos a enfrentar todos os desafios.

Início então o EP com uma certa agitação e nervosismo pela importância que isto vai imperar na minha formação, pois trata-se do culminar de uma vida de estudo e de formação, mas ao mesmo tempo trata-se do primeiro ano do resto da minha vida profissional. Será o momento de transformação da teoria para a prática em toda a sua essência e momento de transição de aluno para professor.

### **III. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**



## ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

### 3.1. Caracterização do Contexto de Estágio

*“O EP visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovem nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.”*

*(Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP. Porto)*

O EP surge inserido no 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, mais concretamente no 3º e 4º semestres e é constituído por duas tarefas principais, a Prática de Ensino Supervisionada (PES) e o Relatório de Estágio (RE).

No que respeita à regulamentação legal, estrutura e respetivo funcionamento, o EP considera os princípios decorrentes das orientações legais constantes do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, e têm em conta o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento geral dos segundos ciclos da FADEUP e o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física.

Relativamente à PES esta ocorre inserida num núcleo de estágio, sobre a orientação de um Professor(a) Cooperante pertencente à escola cooperante em que nos inserimos, onde passamos a assumir a responsabilidade por uma turma desse mesmo professor, sendo orientados e supervisionados pelo professor(a) cooperante. Num leque variado de tarefas que são divididos em quatro áreas de desempenho previstas no Regulamento de Estágio

Profissional: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”; Área 2 e 3 – “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”; Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”.

## **3.2. Enquadramento Funcional**

### **3.2.1 A Escola Cooperante**

A primeira tarefa referente ao EP passa pela escolha da escola onde iremos realizar a PES. Neste sentido, e por ser trabalhador estudante, o principal motivo de escolha insidia na distância da escola à minha residência e local de trabalho. Assim consegui ficar colocado na Escola Secundaria da Boa Nova (ESBN), a segunda escola da minha lista de preferências.

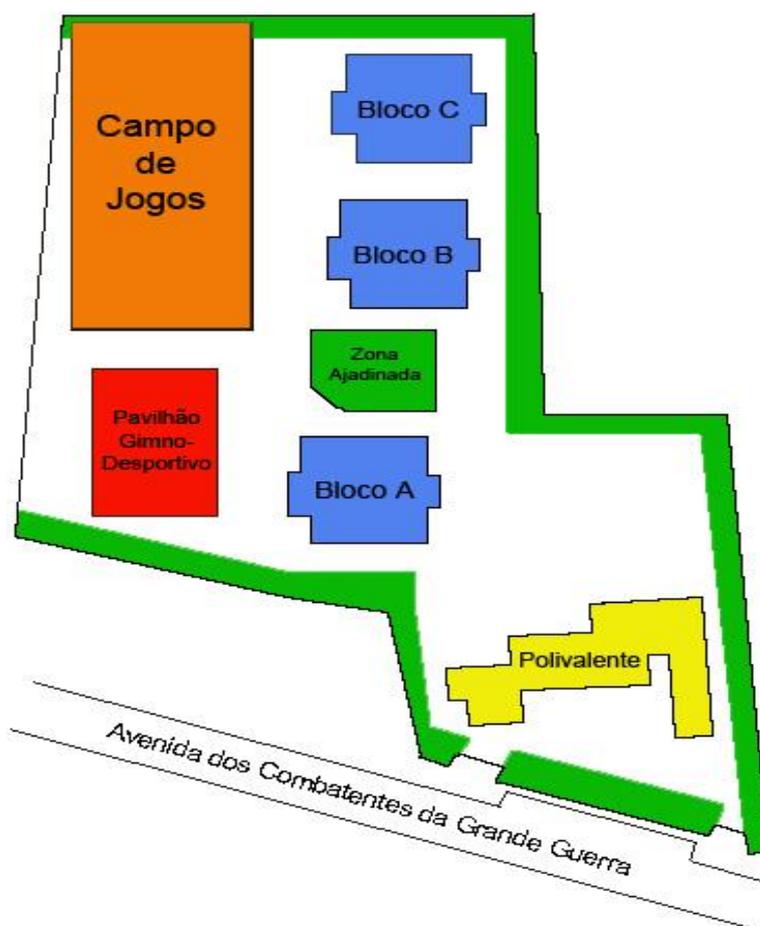
Apesar de não ser uma escola do meu conhecimento, no primeiro contacto com a mesma fiquei agradado com as condições, a receção simpática do pessoal docente e não docente, bem, como da sua localização urbanística.

A Escola Secundaria da Boa Nova situa-se na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra em Leça da Palmeira, pertence ao concelho de Matosinhos e distrito do Porto.

A ESBN pretende ser uma escola de prestígio na região, reconhecida como promotora de uma formação humanista e de um ensino de qualidade, incorporando nas suas práticas os progressos científicos e tecnológicos, em harmonia com a comunidade em que se integra. Pretendendo ainda afirmar-se como uma organização escolar de serviço público que se alicerça na intensão de promover a formação de cidadãos informados, civilizados, atentos, reflexivos e interventivos, preparados para a mudança e para a vida ativa.

(Projeto Educativo de Escola - 2011/2014, Escola Secundaria da Boa Nova – Leça da Palmeira.)

O recinto escolar é composto por um Polivalente, três blocos (A, B e C) destinados às atividades letivas e de apoio, um pavilhão gimnodesportivo e ainda um campo de jogos no exterior, o que se poder ver representado na figura 1.



**Recinto Escolar Figura 1**

Pensando na minha atividade apenas vou realçar os espaços físicos e infraestruturas que esta escola disponibiliza para a prática de atividades desportivas. O pavilhão gimnodesportivo permite no seu interior dispor de um campo de futsal, mas este espaço é possível ser dividido em 3 espaços mais pequenos. Tem ainda 2 balneários femininos e 2 balneários masculinos e uma arrecadação com bastante equipamento adequado às diferentes modalidades. No exterior existe uma pista de atletismos, uma caixa de areia, 2 campos de futebol e 2 campos de basquetebol.

Relativamente a toda a comunidade escolar, a simpatia, o respeito, a atenção e o companheirismo demonstrado foram promotores de um ambiente acolhedor e agradável, o que facilitou a integração.

### **3.2.2 O Grupo de Educação Física**

Como já referi anteriormente, toda a comunidade escolar era muito receptiva e o grupo de Educação Física não era exceção. Este era composto por 6 professor, 4 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, sendo que uma era a nossa professora cooperante a Dra. Maria do Ceu Mota. Todos os professores receberam-nos (a mim e aos meus colegas estagiários), com muito aprazimento e desde de início apresentaram disponibilidade para nos auxiliar em tudo o que necessitássemos para superar as diferentes dificuldades que pudessem surgir durante o ano letivo, e até mesmo no futuro.

Constater que este grupo de professores tinha uma boa dinâmica de trabalho e partilha entre eles, o que me proporcionou aprender bastante absorvendo um pouco do conhecimento de cada elemento. Tenho no entanto noção que podia ter aproveitado muito mais, mas senti uma grade limitação de tempo, devido ao trabalho que exerço fora do contexto de estágio, pois dando mais importância ao Mestrado não queria descorar as minhas responsabilidades de trabalhador estudante.

Não posso deixar de valorizar aqui a amizade e o empenho da professora cooperante, que apesar de eu ter falhado algumas vezes nas tarefas que competiam, sempre se mostrou incansável em me motivar e estimular para que fosse melhor profissional, assim como melhor pessoa.

### 3.2.3 A Turma

No primeiro contacto que estabelecemos com a escola, no final da primeira reunião com a professora cooperante eis que nos deparamos com um momento de elevada importância: a escolha da “nossa” turma. Cada turma é uma turma singular, pois por muito idênticas que sejam as idades, os gostos, as proveniências e educação dos alunos, cada turma tem uma “personalidade” própria, o que nos obriga a utilizar diferentes comportamentos e estratégias perante a turma. Logo esta escolha iria influenciar todo o trabalho a ser realizado durante o EP. Diferentes turmas vão exigir diferentes tipos de intervenção, e dependendo das suas especificidades existem turmas mais fáceis de liderar do que outras, o que também pode ter alguma influência a personalidade de cada professor e a forma como lida com os problemas.

A escolha das turmas foi uma tarefa pacífica, facilmente todos chegamos a acordo sobre a turma que pretendíamos, apesar desta escolha ter sido feita sem qualquer conhecimento prévio das mesmas. Eram-nos então oferecidas como turmas para escolha uma do 8º ano, duas turmas do 10º ano e uma turma do 1º ano do ensino profissional. Na distribuição das mesmas nós, estudantes estagiários (EE), escolhemos consoante as nossas personalidades tendo recaído a minha opção por uma das turmas do 10º ano.

O primeiro contacto com o grupo de alunos pertencentes à minha turma e que iria liderar durante esse ano letivo foi estabelecido na aula da apresentação, onde comecei por me apresentar e falei um pouco dos conteúdos que iriam ser abordados durante o ano letivo, assim como algumas regras de funcionamento da aula e das instalações. Seguidamente proporcionei aos alunos alguns momentos para os alunos se apresentarem, permitindo-me fazer uma primeira apreciação de cada um e do grupo. Por esta primeira abordagem constatei que iria ter uma turma enérgica e com gosto pela educação física, mas ao mesmo tempo muito irrequieta, concluindo que teria que adotar uma postura firme e estratégias de controlo bem definidas e talvez rígidas, para levar a bom porto a tarefa com a qual me comprometi. O facto de

a turma ser maioritariamente composto por rapazes, fazia com que fosse mais complicada e difícil.

A turma era composta por 26 alunos, sendo 7 do sexo feminino e 19 do sexo masculino, com uma média de idades de 15,8 anos de idade. Metade dos alunos (13) já tinham tido uma retenção no seu percurso escolar e 6 ficaram retidos no 10º ano. Dos 26 alunos apenas 9 não praticavam algum desporto, o que se pode inferir que a grande maioria estaria motivada para a prática desportiva.

Durante o decorrer do ano letivo a turma foi sofrendo algumas alterações, pois logo no 1º período 2 alunos, um do sexo masculino e um do sexo feminino anularam a matrícula por usufruírem nota a esta disciplina do ano transato, no início do 2º período deparei-me com a entrada de 2 alunos novos do sexo masculino, transferidos de outra escola e a saída de uma aluna por transferência de turma.

## **IV. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**



## **REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

### **4.1. AREA 1 – “ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM**

#### **4.1.1 O primeiro contato com a Escola**

Considero que a primeira impressão causada por alguma situação levamos instintivamente a percebermos uma idealização de valores sobre a mesma. Esta ideia é reforçada por Silverman e Ennis (1996) que afirmam que a maneira como os professores percebem e interpretam as condições do seu local de trabalho, influenciam a forma de ensinar.

Partindo deste pressuposto o primeiro contato com a escola passa a ter uma importância elevada, porque será nela que terei que realizar todo o trabalho da PES e onde serei constantemente avaliado. Lembro-me bem do nervosismo que me acompanhava nesse dia, por se tratar de uma escola que não conhecia e pelo impacto que a minha presença e atitude iniciais poderiam ter no decorrer do ano letivo e até mesmo no futuro.

Na chegada à escola pude logo observar que não era uma escola recente, mas após uma visita guiada pela Professora cooperante pude constatar que apresentava condições razoáveis. Das instalações desportivas, o mais importante para a minha prática futura, tanto o pavilhão como os campos exteriores eram razoáveis, o ponto forte neste primeiro contato foi a arrecadação do material desportivo, pois esta estava bem equipada tanto em quantidade como em qualidade dos materiais.

Este primeiro encontro com a realidade que iria acompanhar o meu dia-a-dia nesse ano letivo foi tranquilizante, pois de uma forma global foi possível

constatar que teria boas condições para a prática de ensino e um grupo de futuro colegas competentes e profissionais.

#### **4.1.2 Conceção e Planeamento – A primeira tarefa do professor**

Para esta etapa de elevada importância, porque para poder ensinar é preciso saber o que ensinar e como ensinar, é necessário uma conceção e planeamento dos conhecimentos prévios aprofundados e ajustados às condições gerais e locais da instituição de ensino, às condições imediatas da relação educativa, à especificidade da Educação Física no currículo do aluno e às características dos alunos.

Para esta tarefa além de me sustentar nas aprendizagens adquiridas até ao momento, era também exigido uma análise dos programas de Educação Física referentes ao ano de ensino respetivo, neste caso o 10º ano. Conhecer o plano curricular da escola para a educação física, o plano anual de atividades, por forma a ajustá-lo devidamente à realidade escolar foram documentos de leitura e reflexão indispensáveis. Quanto ao facto de ajustar estes documentos à capacidade da turma teria que o fazer após o início das atividades letivas, pois ainda não conhecia a realidade da turma onde exerceria a prática profissional.

Projetar para o papel um ano de atividades, parecia-me uma tarefa imensa, pois as teorias ainda estão muito frescas no nosso pensamento criando um leque de inúmeras possibilidades, o que por outro lado nos confunde um pouco. Era uma experiência nova, motivadora, mas bastante complexa, pois antes de iniciar a primeira aula teria já que estar a pensar como iria estruturar as atividades a lecionar até ao final do 3º período. O apoio da professora cooperante nesta tarefa foi fundamental, ao selecionar uma ordem

lógica de pensamento por forma a orientar as minhas ideias de acordo com o programa, o numero de aulas previstas e a disponibilidade dos espaços.

Realço aqui uma dificuldade que senti por se tratar de uma turma do 10º ano de escolaridade a grande diversidade de matérias de ensino que teria que lecionar, sendo elas: 4 desportos coletivos (o andebol, o basquetebol, o voleibol e o futebol), as diferentes disciplinas do atletismo (corrida continua, velocidade, estafetas, salto em altura, salto em comprimento, lançamento do peso), a ginástica de solo, a ginástica de aparelhos (plinto e minitrampolim), a dança e a orientação. Para iniciar esta intrincada tarefa, comecei por dividir as diferentes matérias de ensino do plano anual pelos diferentes períodos letivos, com uma ordem lógica onde os desportos coletivos eram escolhidos em consonância com os torneios escolares que se realizavam no fim do período em que estavam previstos. As disciplinas do atletismo foram distribuídas pelos diferentes períodos por ordem crescente de complexidade. A ginástica foi abordada no segundo período deixando a dança e a orientação para o terceiro período por serem duas matérias onde me sentia mais inseguro e necessitava de maior preparação.

A partir desta organização pareceu-me mais fácil dentro de cada período fazer uma distribuição das matérias pelo número de aulas disponíveis e assim perceber quantas aulas de cada matéria de ensino dispunha para mais tarde realizar o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC). Os documentos revelaram-se de elevada importância, apesar da complexidade de trabalho que exigiam na sua elaboração e também pela falta de prática nesta matéria. Como estes documentos compilavam toda a informação necessária para abordar uma matéria de ensino, após a sua devida elaboração tornavam-se essenciais e extremamente facilitadores para uma correta orientação do ensino. Dentro dos vários módulos que compreendem o MEC, sendo todos eles fundamentais, dei elevada importância às unidades didáticas por serem um ótimo guião dos diferentes conteúdos a abordar nas diferentes aulas. Só mais perto da pratica propriamente dita é que me preocupava com a elaboração do plano de aula.

Contudo após este percurso de realização tenho a plena consciência de que este planeamento vai sofrer constantemente ajustes e adaptações resultantes de diversos fatores, como refere Bento (1987; p15) “O ensino é criado duas vezes: primeiro na conceção e depois na realidade.”

#### **4.1.3 Realização – Experiencias Vividas na Prática do Ensino**

Após a fase de planeamento mais geral, eis que passei para a fase mais prática do processo de ensino-aprendizagem - a lecionação. Não é uma fase nem mais nem menos importante que as restantes compreendidas no processo de ensino, mas é talvez a fase central deste processo. Nesta fase dá-se a transformação do planeamento para a prática, uma fase que se torna complexa porque vamos lidar com uma heterogeneidade de alunos, que apesar de terem o mesmo objetivo, a aquisição da aprendizagem difere na forma como desenvolvem o processo de escolarização e nas suas características socioculturais.

Esta diversidade dos alunos vai-nos obrigar a adotar diferentes estratégias de ensino, tentando proporcionar a todos as mesmas experiencias de aprendizagem para que consigam atingir os objetivos propostos.

Em seguida vou realçar aspetos mais marcantes desta minha passagem pela PES, referenciando as dificuldades sentidas e tentativas ou possibilidades de resolução para essas dificuldades, aprendizagens adquiridas e momentos mais relevantes.

#### 4.1.3.1 O Controlo da turma

É imperativo do saber comum que é fundamental o professor dotar o controlo da turma por forma a ter facilitado o processo de ensino, principalmente numa aula de Educação Física em que trabalhamos os movimentos do corpo, onde os alunos têm mais liberdade para explorar o espaço e se dispersam dos objetivos da aula. Sendo uma disciplina onde predomina a interação e o contacto físico entre os alunos, quer em cooperação como em oposição, mais facilmente podemos nos deparar com questões de indisciplina.

O controlo de turma deve ser trabalhado logo a partir do primeiro dia estabelecendo regras para o bom funcionamento das aulas de forma a rentabilizar o tempo de empenhamento motor, assim como a manter os alunos focados nos objetivos das mesmas. Sustentado na afirmação de Siedentop (1991) a atitude de um professor logo no primeiro dia de aulas vai determinar, a longo prazo, a sua efetividade ao longo do ano, por isso antes que os indícios de mau comportamento surjam, o professor deve transmitir aos seus alunos as formas de comportamentos apropriados. Emmer & Evertson (1981), defendem que qualquer que sejam os sistemas de organização de uma aula, sendo eles bons, imperfeitos ou numa posição intermedia, têm um início, por isso, a maneira como os professores estruturam a primeira parte do ano letivo tem consequências na organização das aulas ao longo do ano. Tendo em conta tudo isto, logo a partir da primeira aula devia ter tido uma maior preocupação com este aspeto, como se pode perceber pela reflexão da aula nº3 e 4.

*“A aula teve inicio à hora prevista, começando por realizar a chamada dos alunos e de seguida explica os objetivos da aula, mas durante este processo os alunos começaram a distrair-se com o que se passava no espaço ao lado no pavilhão, o que levou a que a professora cooperante me aconselhasse a trocar de posição, fazendo com que os alunos ficassem de costas para as possíveis distrações levando a que estes estivessem mais atentos às minhas informações.” (Reflexão aula nº3 e 4)*

O primeiro momento notório e prejudicial por falta de controlo de turma não tardou em surgir. Como é possível constatar na reflexão da aula nº11 e 12 que se centrou apenas na falha do controlo de turma e que desvirtuou todo o objetivo da aula.

*“Apenas quando passei para o jogo dos passes, a aula começou a descontrolar-se um pouco. Os alunos não estavam a cumprir com os objetivos do exercício, o que me obrigou a ir de grupo em grupo corrigir, o que me fez perder imenso tempo para além de que sempre que estava a dar atenção a um grupo os outros dois grupos desvirtuavam um pouco o exercício, havendo mesmo alunos a criar conflitos.  
(...)”*

*No final da aula senti que esta não foi muito bem conseguida, senti que a meio perdi o controlo da turma e não o consegui reconquistar, tinha a turma muito dispersa e não conseguia estar atento a todos os alunos, nem consegui soluções para isso. Sendo estes os motivos que levaram a que os exercícios não corressem conforme o esperado”. (Reflexão aula nº11 e 12)*

A minha falta de experiência nesta área não foi favorável, pois deixei prosseguir a aula mesmo sentindo a falta de controlo. Só posterior à aula e em reflexão com a PC pude chegar a uma conclusão de uma solução simples para este problema que consistiria em interromper a aula no momento em que começou a instalar-se a confusão, voltar a obter a atenção dos alunos e depois retomar em espaço mais reduzido e os alunos trabalhando em grupos.

*“No final da aula em conversa com a professora cooperante, numa tentativa de solução para este problema chegamos à conclusão que numa próxima situação devo parar a aula quando começar a perder o controlo da turma e trabalhar num espaço mais pequeno com grupos de modo a ter os alunos todos controlados e a exercitarem para o objetivo.” (Reflexão aula 11 e 12)*

Estando ciente de que teria que ter em atenção este aspeto, a partir deste momento vi-me obrigado a redobrar a preocupação relativa a esta questão uma vez que pretendia que o ano letivo decorresse com mais tranquilidade e com resultados positivos. Apesar de uma maior preocupação no controlo da turma e tendo em atenção as sugestões experientes da PC, não estava a conseguir os resultados pretendidos, conforme constato na reflexão da aula nº19 e 20.

*“A grande dificuldade que tenho com esta turma é na questão de controlo do início ao fim da aula, apenas o controlo por alguns períodos de tempo, o que neste momento já não deveria acontecer. Com a ajuda da professora cooperante percebi que tenho que mudar e arranjar uma solução para este problema. O que sei é que não existe uma receita fixa para solucionar este problema pelo que tenho que experimentar algumas opções, mas solucionar este problema o mais rápido possível.” (Reflexão da aula nº19 e 20)*

Visto que em meados do primeiro período o controlo da turma ainda passava por ser uma das minhas dificuldades, prejudicando assim o empenho e sucesso da turma, pude contar com a ajuda da PC para identificar e solucionar este problema, concluindo que a falta de experiência na gestão de dinâmicas de grupos e a dificuldade em identificar qual a fonte/elemento causador da situação problema, eram os meus pontos fracos, e que necessitava melhorar.

Com a preciosa ajuda da PC consegui constatar que eram apenas 3 alunos os causadores e impulsionadores da desordem na turma. Esta capacidade de identificação é algo que surge com a experiência percebendo assim que tendo estes alunos mais vigiados e controlados conseguiria com maior facilidade o controlo da turma. A par das diferentes situações as minhas preocupações passaram por ter sempre presente as possíveis reações desses alunos. Por exemplo, nos momentos de instrução passei a ter o cuidado em chamar esses alunos para junto de mim, tentando assim eliminar um elemento desestabilizador, pois verifiquei que eles estavam sempre no centro das

conversas paralelas enquanto eu transmitia uma informação, o que levava a que várias vezes a informação chegasse com defeito aos restantes colegas. Isto por sua vez implicava uma execução errada do exercício, obrigando-me a repetir a informação/explicação, perdendo assim tempo útil de aula. Fazendo uma retrospectiva reflexiva, considero que desta estratégia surtiu um resultado positivo permitindo-me passar a rentabilizar melhor os tempos de instrução.

Durante a realização dos exercícios já não me era possível estar sempre perto deles, e nesses momentos em que me encontrava mais distante, dedicando a minha atenção a outro grupo eles aproveitavam logo para destabilizar e distrair os restantes elementos do grupo onde estavam inseridos. Comecei por separar estes alunos juntando-os com alunos mais empenhados para que motivados pelo seu grupo de pares se empenhassem mais, mas não tive sucesso com esta solução, antes pelo contrário eles conseguiam desencaminhar os alunos mais empenhados. Para tal, optei por reagrupa-los, assim tinha um grupo onde deveria incidir a minha atenção e os outros grupos sem elementos desestabilizadores já conseguiam funcionar de forma mais autónoma. Esta foi a melhor solução que encontrei para esta situação sabendo que poderiam existir outras, pois existem uma panóplia de possibilidades para a resolução destes problemas.

Mesmo assim os problemas não acabaram, porque não foi fácil controlar este grupo de alunos mais desestabilizadores, que constantemente continuavam a suscitar alguns problemas. Continuavam com alguns comportamentos inadequados, o que me obrigava a ter que de diversas formas os reprimir e chamar à atenção. De início, quando apresentavam comportamentos indisciplinados, informei que o comportamento é um dos parâmetros incluídos na avaliação e que as atitudes que estavam a tomar poderiam influenciar a nota final. No entanto para estes alunos isso não suscitava qualquer preocupação, pois não estavam minimamente interessados na nota que poderiam ter, até porque alguns deles já eram repetentes e podiam usufruir da nota obtida do ano transato. Recordo um comentário de um aluno quando referi que o seu comportamento não era o mais correto e que isso se

iria refletir na avaliação final: - “Não preciso da sua nota, já tenho a do ano passado”.

Perante tal resposta, percebi que tinha que os reprimir impedindo de realizar a aula sempre que tivessem um comportamento inadequado, permitindo-me assim estar em atividade apenas com os alunos que estivessem motivados e interessados em aprender e em cumprir com os objetivos da aula. Apesar de ser uma solução que não me agradava muito foi a solução que encontrei, conseguindo tornar-me mais líder da turma.

Refletindo agora no final deste percurso, admito que esta solução tenha surgido um pouco tardia, pois foi apenas a meio do segundo período que esta liderança começou a surgir. Se tivesse tomado esta atitude logo no início do ano letivo poderia ter adquirido mais cedo a liderança da turma e talvez tudo seria diferente. Recordo que em conversa com a PC ela mencionou que eu tinha uma personalidade um pouco tímida e o facto de ter deixado transparecer isso, não foi positivo nem facilitador, reconhecendo que no futuro tenho que adquirir uma postura mais rígida.

#### **4.1.3.2 Gestão do tempo de aula**

A gestão da aula apresenta-se como um elemento primário na eficácia do ensino (Carreiro da Costa, 1995). Partindo deste pressuposto é evidente que este foi um aspeto importante a ter em conta durante o EP.

Uma boa gestão da aula é encetada ainda antes do início da mesma, através de uma boa planificação. A escolha dos exercícios é fundamental, pois devem ter uma ordem lógica na ocupação dos espaços, do tempo de atividade dos alunos assim como na criação dos grupos. Se uma aula for pensada tendo em conta as capacidades motoras dos alunos, os espaços e materiais disponíveis o tempo útil da mesma, podemos logo no planeamento criar

estratégias para que os alunos estejam mais envolvidos e motivados. Mesmo tendo em atenção todos estes fatores no planeamento não é certo que a aula seja eficaz ou que o corra conforme o planeado porque ainda existem alguns fatores que não são fáceis de prever ou controlar que vão influenciar a mesma.

Numa fase inicial a falha na gestão do tempo de aula passava por um desajuste do planeamento da aula, não tanto referente à ordem lógica dos exercícios mas mais com a gestão do tempo, onde geralmente era sempre insuficiente para os exercícios propostos. Por várias vezes tive que deixar exercícios por realizar previstos para as aulas por falta de tempo.

*“Postos estes contra tempos na ginástica sobraram-me 20 minutos de aula para avaliar o futebol.” (Reflexão aula nº7 e 8)*

*“Uma questão a ter em conta nas aulas das 8 30 é que os alunos atrasam-se muito só conseguindo iniciar a aula, entre 10 a 15 minutos mais tarde o que fez com que no ultimo exercício tivesse muito pouco tempo para o realizar.” (Reflexão aula nº 13 e 14)*

*“Por fim planeava introduzir o ressalto, mas para este exercício só sobrou 5 minutos, o que não foi suficiente explicar devidamente, sendo necessário um trabalho futuro de ressalto.” (Reflexão aula nº 17 e 18)*

Não foi apenas este o motivo que por vezes me levou a uma falha na gestão do tempo de aula. A escolha de exercícios que não eram ajustados às capacidades dos alunos, e muitas vezes pelo motivo acima referenciado (o controlo de turma) obrigava a desvirtuar do planeado.

*“Na modalidade de barreiras, não conhecia o nível da turma pelo que esperava que fosse mais elevado, pois a grande maioria dos alunos apresentava muitas dificuldades. Esta foi uma das razões para não conseguir cumprir tudo o que tinha planeado para esta aula, pois necessitei de despender mais tempo em exercícios mais elementares.” (Reflexão aula nº57 e 58)*

*“Parei o exercício umas três vezes para chamar a atenção e tentar que fizessem o que era pedido.” (Reflexão aula nº 19 e 20).*

Considero que este ano de estágio tem mesmo esta função de nos colocar em situação conflito de forma a desenvolvermos competências para ultrapassar estas dificuldades inerentes à carreira docente e que confrontando a experiência com os conhecimentos adquiridos nas unidades curriculares possamos ser melhores profissionais. É através da superação dos obstáculos que possam surgir que nós nos desenvolvemos, e este foi um obstáculo que considero ter ultrapassado com sucesso.

#### **4.1.3.3 Aulas observadas**

“O que realmente enriquece um homem não é a experiência: é a observação.”

Henry Mencken

A observação decorrendo em contexto real e utilizando algumas notas de campo teve como objetivo refletir e analisar com vista a melhorar a minha intervenção. A vantagem das observações é que permitiram comparar atitudes e comportamentos registando e analisando as implicações na prática e no desenvolvimento das aulas.

Aqui engloba-se as várias situações de observação que fazem parte da PES. As situações de carácter obrigatório que compreendem as aulas em que me observavam e as aulas que observei lecionadas pelos colegas de estágio e pela PC. Faço também referência a situações de observação facultativa a outras aulas de professores mais experientes com o intuito de aprofundar o conhecimento e ampliar a capacidade e estratégias de resolução de problemas com vista à melhoria da minha prática.

De acordo com Alarcão (1996), a observação das aulas constitui-se o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor, para que através da compreensão das suas ações, das dos colegas e de outros professores, possa controlar melhor o seu próprio processo de ensino. Daí a minha preocupação em observar o maior número de aulas que me foi possível e optar por voluntariamente ter observado outras aulas. Foi com base nalgumas destas observações e pela reflexão que daí adveio que ajustei algumas planificações e alterei algumas das minhas estratégias de intervenção.

A observação deve ter um efeito formativo e para tal é necessário que esta seja criteriosa e ajustada a um quadro teórico e de valores educativos consciencializados. Por este facto antes de iniciarmos as aulas observadas foi-nos solicitado a realização de fichas de registo onde evidenciaríamos os aspetos sobre os quais deveria focar a nossa observação. Este trabalho foi realizado em conjunto pelo grupo de estagiários, suportado pela pesquisa no livro de Sarmiento (1998) “Pedagogia do Desporto – Instrumentos de observação sistemática em Educação Física e Desporto”. Elaboramos assim três fichas de registo de observação cada uma delas focando aspetos diferentes: Ficha de incidentes críticos (Anexo I); Ficha de observação do comportamento do professor (Anexo II); Ficha de observação do comportamento do aluno (Anexo III).

A ficha de incidentes críticos era utilizada em todas as aulas que observava e servia de instrumento orientador dos aspetos a observar, onde se realçava um registo qualitativo com base em: gestão do tempo de aula, seleção e organização das atividades, fatores de segurança, interação do professor com os alunos e o comportamento dos mesmos.

As outras duas fichas, as de observações dos comportamentos dos alunos e do professor eram usadas alternadamente, ou seja, numa primeira aula de observação aplicava a ficha de observação dos comportamentos dos alunos e na aula seguinte aplicava-se a ficha de observação dos comportamentos do professor. Atendendo a que eramos mais do que um EE, uma das estratégias que utilizamos foi cada estagiário na função de observador

aplicava uma ficha diferente, permitindo assim no final da aula realizar uma análise mais abrangente da mesma. Registaram-se assim todos os aspetos ocorridos nessa aula observada. Estas fichas eram compostas por diferentes categorias, registadas numa tabela por unidades de tempo, que nos permitia saber com que frequência determinados comportamentos ocorriam, conseguindo assim traçar um perfil das características mais frequentes dos alunos e do professor. Na ficha de observação dos comportamentos dos alunos realçamos as categorias realçadas foram: Atividade motora, Demonstração, Ajuda, Manipulação de material, Deslocamentos, Atenção à informação, Espera, Comportamentos fora da tarefa, Intervenções verbais, Afetividade, Outros comportamentos. Na ficha de observação dos comportamentos do professor realçamos as categorias realçadas foram: Instrução, Feedback, Organização, Afetividade positiva, Afetividade negativa, Intervenções verbais dos alunos, Observação, Outros comportamentos.

Embora eu dispusesse destas fichas para orientar e facilitar a observação das aulas, recordo-me que nas primeiras observações senti dificuldade no registo de todas as situações que iam ocorrendo, pois havia uma grande variedade de ocorrências, que considerava pertinente, a acontecer ao mesmo tempo. Esta foi uma tarefa que fui refinando com a experiência e com a reflexão que realizávamos no final de cada aula. A reflexão feita revelou-se muito positiva, pois comecei a perceber quais as situações e tipos de comportamentos sobre os quais deveria direcionar a minha atenção. A par desta dificuldade inicial, recaía a falta de familiarização com o preenchimento das fichas, despendendo de algum tempo a preenchê-las o que me obrigava a dividir a atenção entre a observação da aula e o preenchimento da ficha, processo este que com a rotina foi superado.

Considero que estas aulas observadas foram bastante pertinentes para a minha formação enquanto futuro professor, tanto no papel de observado como no papel de observador. Enquanto professor observado, a importância dada no debate no final da aula, entre EE, PC e por vezes a PO, sobre a forma como tinha decorrido a aula foi bastante positivo para refletir sobre a minha atuação e melhorar o meu desempenho. Estes momentos de partilha de ideias

e estratégias permitiram-me ter uma noção mais afincada da realidade dos acontecimentos, ajustando melhor os meus comportamentos e atuações. Através do registo elaborado pelos colegas sobre os meus pontos fortes e pontos fracos e da análise feita pelos elementos externos à aula (profissionais mais experientes) podia perceber quais os comportamentos mais corretos e reforçá-los em aulas futuras, assim como tomar consciência dos comportamentos que tinha que reprimir ou modificar por forma a ser mais líder e produtivo na aula. Um líder precisa medir a forma como as coisas progridem durante a aula em relação aos objetivos propostos e apoiar a turma no sentido de os atingir, daí a importância da reflexão após as observações, reforçando assim todo o processo. Na perspetiva de observador era importante registar como é que os meus colegas e PC atuavam nas suas aulas e através da reflexão posterior poder aprender e adquirir novas estratégias de resolução de problemas para prevenir comportamentos e atitudes indesejadas em sala de aula, com vista ao sucesso.

Outro aspeto importante que surgiu em consequência das reflexões feitas após as observações foi a necessidade de ajustar melhor as fichas de registo, pois havia aspetos mais pertinentes que não eram contemplados. Aqui a sugestão da PC e da PO para começar a utilizar apenas a ficha de incidentes críticos, foi extremamente positivo pois devia valorizar a pertinência dos exercícios e se se ajustavam ao nível da turma e se a organização escolhida permitia que os alunos usufruíssem de maior empenho motor controlando assim o tempo em que se encontravam em atividade e o número de repetições com que realizavam o exercício.

Pretendendo melhorar a minha prática e ampliar os meus conhecimentos quanto a diversificar os exercícios e estratégias de resolução de situações problema, para as modalidades com as quais me sentia menos familiarizado, optei por observar aulas de EE e de colegas do núcleo de educação física mais experientes, o que se revelou vantajoso embora tenha consciência de que o deveria ter fortalecido com mais pesquisa literária.

#### 4.1.4 AVALIAÇÃO

Durante a PES deparamo-nos com inúmeras situações de avaliação e sendo uma prática diária na vida de um professor temos que estar cientes dos vários tipos de avaliação, assim como e quando os aplicar.

Bloom et al. (Bloom, Hastings, & Madaus, 1971) considera três tipos de avaliação, tendo em conta a sua finalidade:

- Avaliação Diagnostica; funcionando como uma preparação inicial para a aprendizagem.
- Avaliação Formativa; servindo para averiguar a existência de dificuldades por parte do aluno durante a aprendizagem.
- Avaliação Sumativa. em que se tem o controlo sobre se os alunos atingiram os objetivos fixados previamente.

Em educação entendo que estes três tipos de avaliação devem coexistir, pois é importante compreender que o ato de avaliar não se restringe a “dar notas”, pois a missão dos professores não é a de ensinar para avaliar, mas a de avaliar para ensinar melhor e contribuir para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem (Estanqueiro, 2010).

Recaindo na importância da avaliação, esta apresenta-se como uma prática diária do professor, porém, devido à complexidade desta tarefa são múltiplas as dificuldades com que este se depara (Pais & Monteiro, 2002).

Seguidamente farei referência aos diferentes momentos de avaliação realçando algumas experiências, dificuldades e estratégias vivenciadas.

#### **4.1.4.1 Avaliação Diagnostica**

Esta trata-se do primeiro momento de avaliação, e é muito importante, pois permitir perceber o nível em que os alunos se encontram e assim planejar e adequar os exercícios ao nível deles para que a aprendizagem seja eficaz com vista ao sucesso.

Uma vez que me encontrava a lecionar numa turma de 10<sup>o</sup> ano de escolaridade, e atendendo a que neste ano de escolaridade se aplicava módulo zero que são 6 aulas de 45 minutos onde se faz uma avaliação diagnostica de todas as modalidades a abordar (proposta já estabelecida em anos anteriores pelo grupo de educação física), segui esta orientação.

Lógico que, como todos os métodos, este também tem pontos fortes e pontos fracos. Um dos pontos favoráveis deste método foi o de, logo no início do ano letivo conseguir-se traçar um perfil da turma ficando com um conhecimento geral do nível da turma em cada modalidade e dispor assim de mais tempo para planejar as aulas e ajustar os objetivos a atingir. Como aspeto menos positivo podemos apontar que os alunos vêm de um período de férias (cerca de dois meses sem atividade) e fazer uma avaliação diagnostica logo no início do ano sobre uma modalidade que só iria ser abordada no segundo período ou terceiro período, podia não ser eficaz e realista, pois após um período de aulas, focando-se alguns aspetos transversais às modalidades, quando fosse iniciar essas modalidades nos períodos seguintes, a avaliação diagnostica realizada no módulo zero podia não estar ajustada.

Uma dificuldade que senti na aplicação do módulo zero logo no início do ano letivo, foi referente à falta de destreza para observar todos os alunos e em poucos exercícios perceber quais as dificuldades e aquisições deles, mais uma vez aqui concluí que a experiência em contexto real de aula é fundamental capacitando-nos para o melhor desempenho.

*“Com a finalização deste módulo zero pude perceber que não é fácil, e requer treino, gerir uma turma e avalia-los individualmente ao mesmo tempo, temos como que nos dividir para realizar duas funções distintas.” (Reflexão aula nº 5 e 6)*

De acordo com o que apresento na reflexão da quinta e sexta aula lembro-me que estava a viver duas situações ao mesmo tempo, por um lado por ser início de ano letivo queria estrar atento à turma toda para não ter falhas, por outro lado tinha que fazer uma avaliação dos alunos para delinear os objetivos obrigando-me a centrar a minha atenção apenas num aluno de cada vez. Estou crente de que com a prática esta dificuldade deixará de ser tão sentida.

#### **4.1.4.2 Avaliação Formativa**

A importância deste tipo de avaliação passa pelo constante ajuste dos exercícios e planeamento das aulas dirigindo as mesmas para colmatar as dificuldades apresentadas pelos alunos e consequentemente orientá-los para o sucesso.

Este tipo de avaliação vai ocorrendo durante o lecionar das aulas tanto de uma forma mais subjetiva no final de cada aula a quando da reflexão, como de forma mais formal com registo, contribuindo para uma ponderação na nota final. Quer de forma mais subjetiva como de uma forma mais formal, em ambas as situações tem-se a perceção do que não correu tão bem e ajustar ou alterar nas aulas seguintes.

De todas as modalidades abordadas não apliquei uma avaliação formativa formal em basquetebol e andebol, por terem sido trabalhadas no primeiro período, com apenas 10 tempos letivos, tendo achado que despende

de uma aula para este tipo de avaliação, talvez não fosse tão produtivo uma vez que seria mais pertinente usufruir dessa aula para reforçar as habilidades.

Pelos excertos da reflexão das aulas nº 23 e 24, pode-se verificar as dificuldades sentidas.

*“Logo na primeira situação de avaliação onde observava os alunos a realizarem os diferentes tipos de lançamentos isoladamente, comecei a sentir alguma dificuldade tinha apenas 3 a 4 critérios dentro de cada lançamento*

*Quando passei para a situação de jogo, aí sim senti-me perdido, 2 campos, 8 alunos em cada campo ao mesmo tempo, cerca de 8 critérios para cada aluno, era muita coisa para observar.” (Reflexão aula nº 23 e 24)*

As dificuldades basearam-se na falta de traquejo para observar e avaliar todos os alunos numa mesma aula com vários conteúdos de aprendizagem. No entanto volvido este tempo concluo que caso tivesse aplicado uma avaliação formativa nestas matérias teria sido vantajoso.

No atletismo em corrida contínua fui registando a atuação dos alunos nas diferentes aulas tendo um contributo na avaliação final. Em voleibol e em futebol, num momento prévio, fiz uma avaliação da execução técnica das habilidades e só posteriormente avaliei as noções de jogo. Esta estratégia mostrou-se extremamente útil repartindo assim os critérios em que me deveria focar, facilitando.

#### **4.1.4.3 Avaliação de conhecimentos**

Também conhecida como avaliação cognitiva, foi algo onde apresentei grande lacuna porque era uma situação nova para mim ter que realizar um

teste escrito para educação física. Além de não saber que tipo de questões colocar a grande dificuldade passava pelo conteúdo das questões pois apenas me baseava no que tinha falado durante as aulas e as modalidades abordadas.

Recordo-me que o primeiro teste escrito (realizado no primeiro período) foi alvo de varias críticas pois era muito desajustado, as questões eram muito fáceis e não tinham grande pertinência. Pelo que para poder melhor isto nos períodos seguintes, na introdução de uma nova matéria passava a realizar uma apresentação da mesma com alguma história, regras e terminologia específica da mesma permitindo assim ter mais informação que me poderia basear para a elaboração dos testes.

#### **4.1.4.4 Avaliação Sumativa**

A avaliação sumativa é efetuada no final de uma UT com o objetivo de avaliar o resultado final das aprendizagens e o progresso do aluno, com o propósito de comparação ou de graduação dos alunos (Siedentop & Tannehill, 2000).

Para esta situação a opção incidiu por uma avaliação referenciada ao critério, onde formulei objetivos operacionais ajustados às dificuldades dos alunos e dos objetivos a atingir. A dificuldade para esta estratégia recaia sobre a construção das grelhas de avaliação, pois estas apresentavam muitos conteúdos para serem avaliados por apenas um professor numa turma com vinte e cinco alunos.

A grande controvérsia das avaliações sumativas passaram pela elaboração e familiarização com estas tabelas de registo, pois era imperativo uma ficha de fácil aplicação para não perder muito tempo, assim como se à partida leva-se a ficha “estudada”, o seu preenchimento seria mais fácil, o que verificar nas reflexões abaixo.

*“Após esta aula (primeira aula de avaliação) pude perceber a complexidade de avaliar e que é preciso ter bem fresco em mento o que pretendo observar em cada situação de modo a realizar um registo mais rápido e assertivo. (Reflexão aula nº 23 e 24)”*

*“Ciente das dificuldades sentidas na aula anterior, desta vez preparei-me melhor para o que pretendia observar, tinha quase decorado a ficha de registo, bem como a ordem dos critérios.*

*(...)*

*No final senti que esta aula de avaliação foi melhor conseguida. (Reflexão aula nº 25 e 26)”*

#### **4.1.4.5 Avaliação Final**

Com o terminar de um período era necessário classificar os alunos, não só no domínio motor (processual), como no domínio cognitivo e no domínio atitudinal, onde receava pela justeza das classificações por mim atribuídas.

No meu caso para a classificação final os diferentes domínios tinham ponderações diferentes, onde 60% correspondia ao domínio processual, 20% ao domínio cognitivo e os restantes 20% ao domínio atitudinal. Para facilitar esta classificação a PC já dispunha de uma folha de cálculo em Excel que abrangiam os diferentes critérios correspondentes a cada domínio, onde apenas precisávamos de atribuir uma cotação. No domínio processual era apenas preciso distribuir em percentagem pelas modalidades abordadas e preencher com os resultados obtidos das fichas de avaliação sumativa. Na cognitiva também era fácil pois era atribuída a nota obtida no teste escrito, na

atitudinal é que surgia alguma dificuldade. Era preciso avaliar o empenho, a colaboração e a responsabilidade, algo muito subjetivo, onde para tal optei por uma avaliação normativa, partindo de uma comparação média dos comportamentos da turma onde valorizava os alunos que evidenciavam um comportamento mais correto nestas áreas.

#### **4.2. AREA 2 e 3 – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÕES COM A COMUNIDADE**

Um maior conhecimento da escola e da comunidade favorece a integração do professor, melhora a sua aceitação e o seu desempenho mais se ajusta às necessidades da escola.

Nesta área, começo por apresentar um quadro com as atividades planeadas pelo grupo de educação física para o ano letivo de 2012/2013 na Escola Secundária da Boa Nova em Matosinhos.

**Tabela 1. Atividades Propostas pelo grupo de Educação Física**

<b>Atividade</b>	<b>Data</b>
<b>Corta-mato</b>	<b>13 Dezembro 2012</b>
<b>Torneio basquete (inter-turmas)</b>	<b>14 Dezembro 2012</b>
<b>Dia do atletismo</b>	<b>13 Março 2013</b>
<b>Dia da Escola Torneio de Voleibol (inter-turmas)</b>	<b>15 Março 2013</b>
<b>Torneio Inter-Escolas de Matosinhos</b>	<b>de 8 a 12 Abril 2013</b>
<b>Dia da Saúde</b>	<b>11 Abril 2013</b>
<b>Dia da orientação (apenas para o 3º Ciclo)</b>	<b>7 Maio 2013</b>
<b>Torneio de futebol (inter-turmas)</b>	<b>7 Junho 2013</b>

No que concerne à minha participação no seio escolar e nas atividades não letivas o meu contributo esteve mais ligado à colaboração com o grupo de educação física nas atividades programadas.

Algumas das atividades apresentadas no quadro acima não foram realizadas devido a diversos motivos, na altura devidamente justificados.

Relativamente ao corta-mato, foi notório o empenho na organização assemelhando-se a uma prova oficial. Aqui dei a minha colaboração na delimitação do percurso e responsabilizei-me por um posto de controlo durante a realização da prova. É de realçar que o percurso estava bem delimitado com fitas não permitindo que os alunos se enganassem ou mesmo cortar no percurso, refutando-se uma grande adesão por parte dos alunos tanto para competir como para colaborar com a organização.

O torneio de basquetebol foi uma das atividades a sofrer uma alteração, pois atendendo ao número de equipas inscritas, deparamo-nos com falta de espaço para realizar todos os jogos num só dia. Assim, os jogos realizaram-se durante essa mesma semana em horário letivo. Isto teve um impacto menos positivo, pois o clima de festividade associado a este tipo de eventos não foi notório atendendo a que as turmas que participavam e as que poderiam assistir terem aulas.

No torneio de voleibol a minha colaboração passou pelo desempenho de várias funções desde o registo em formato digital das equipas e resultados dos jogos para a posteridade, controlei a rotação das equipas dinamizando a dinâmica do torneio. Este torneio em relação ao de basquetebol já englobou todos os aspetos de um evento desportivo, por serem realizados os jogos todos no mesmo dia, a festividade esteve presente, o espírito de competição foi mais afinado. Os alunos envolveram-se de tal forma neste torneio, que deu origem a uma situação menos agradável, em que dois alunos se envolveram em conflitos por causa dos resultados.

No concelho de Matosinhos é habitual organizar-se uma competição inter-escolas nas várias modalidades, onde cada escola é responsável pela organização das competições referente a uma modalidade na área da Educação da Física, que se realizou no início do terceiro período. A ESNB ficou responsável pela competição de atletismo, atividade que esta escola sempre

desempenhou com mérito, contando com bom empenho dos alunos em toda a dinâmica subjacente a este evento.

Esta iniciativa é extremamente interessante e enriquecedora porque permite uma interação e aproximação entre as diferentes escolas do concelho e tem-se revelado de elevado valor no âmbito educativo para este concelho.

Nesta semana colaborei também com o professor José António auxiliando-o no acompanhamento e orientação das seleções de alunos da escola, masculina e feminina de futebol.

A 11 de abril foi-nos solicitado pela PC a realizar uma atividade para se inserir na semana da saúde e divulgar a importância no exercício físico associado à saúde. Pensamos em realizar uma atividade de aeróbica, mas por sugestão da professora realizamos uma atividade relacionada com a dança. Para tal eu e os outros estagiários organizamos a vinda da professora Filipa Pereira (colega do estagiário António Oliveira) que se prontificou em nos ajudar. Esta professora veio dar uma aula aberta de Zumba, para todos os alunos. Esta aula realizou-se no pavilhão desportivo onde tivemos que preparar o sistema de som e dinamizar a participação dos alunos. A adesão foi considerável sendo no entanto notório um certo acanhamento principalmente da parte dos alunos do sexo masculino. Com o decorrer da aula, os alunos foram-se desinibindo até que no final, quando a professora pretendia terminar, foram os próprios alunos a não querer e a solicitar mais uma dança. Considero que foi uma atividade que correu muito bem, tendo ficado um pouco acima da minha expectativa. O feedback tanto dos alunos como dos professores presentes foi muito positivo, tendo sido notória a alegria e vontade de repetir ou realizar um evento do género.

A atividade - dia da orientação, era apenas destinado ao terceiro ciclo onde havia apenas 2 turmas do 8º ano de escolaridade. Nesta atividade era previsto as turmas deslocarem-se para a Quinta da Conceição para lá realizarem um percurso de orientação. Esta atividade acabou por ser cancelada devido ao comportamento de ambas as turmas, pois em geral apresentavam comportamentos incorretos. Durante o ano não mostraram uma

conduta aceitável e comportamentos que demonstrassem confiança para esta deslocação.

Por fim o torneio de futebol, torneio este que foi programado para o terceiro período porque em anos anteriores tinha originado muitos comportamentos antidesportivos, assim sendo este torneio seria apenas destinado para os alunos que durante o ano apresentassem condutas desportivas corretas e servindo também como um incentivo para este tipo de comportamentos pois a grande maioria dos alunos quer participar neste torneio. Por estes motivos este torneio realizou-se de forma um pouco ajustada, pois não houve uma competição formal. As equipas interessadas apresentavam a inscrição e os professores é que determinavam quem poderia jogar e durante a última semana, após o término das aulas, eram realizados os jogos, equiparado a um torneio amigável. Com este tipo de intervenção foi possível evitar situações indesejáveis por parte dos alunos.

### **Reuniões de escola**

Durante o ano letivo são realizadas diferentes reuniões a vários níveis para organizar e delinear toda a intervenção educativa com vista ao sucesso educativo dos alunos.

Durante a minha prática enquanto estagiário foram vários os fatores que não me permitiram participar em todas as reuniões que compõem o trabalho de um professor. Um dos motivos foi devido a alguns docentes da escola me considerarem um elemento externo à escola achando que não era conveniente participar das reuniões. Tenho consciência que isto dificultou a minha integração em pleno nas dinâmicas do grupo de docência e da escola e sobretudo num conhecimento mais abrangente das características e comportamentos dos alunos.

No entanto consegui participar numa reunião de departamento das expressões, que considero que são muito importantes pois contribuem para o bom funcionamento do grupo disciplinar e da escola. É nestas reuniões que as informações da Direção e do Conselho Pedagógico são transmitidas e debatidas, assim como definida toda a dinâmica e organização do grupo disciplinar do departamento a ser apresentadas ao Conselho Pedagógico.

### 4.3. AREA 4 – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

“Todo o professor digno deste nome diferencia a sua pedagogia, luta contra o insucesso escolar, pratica métodos ativos e respeita os seus alunos enquanto pessoas.”

(Perrenoud, 1997)

Nesta área é-nos solicitado uma reflexão sobre as atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspetiva do meu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação (Matos, 2012)

Neste processo de construção de uma identidade profissional foi-me solicitado a elaboração do projeto de formação inicial (PFI), tendo sido este o primeiro documento de reflexão sobre as principais potencialidades e dificuldades que iria deparar-me na prática de estágio profissional, servindo também como um guião durante esta prática, pois também englobava objetivos e estratégias para o sucesso nas PES.

Durante o ano de estágio elaborei um portefólio compilando todos os documentos importantes para o ensino, englobando os vários planeamentos assim como uma reflexão constante das aulas, das reuniões e outras vivências pertinentes para um constante (re)ajuste da minha atuação visando a excelência. Este processo reflexivo pretende dotar os professores de capacidades de observação e reflexão tirando conclusões com base na teoria e experiência prática, para um constante desenvolvimento profissional.

Por fim a elaboração do relatório de estágio, que se constitui como o documento que caracteriza todo o trabalho realizado durante o ano, salientando as práticas bem-sucedidas, assim como as dificuldades sentidas e estratégias de superação das mesmas, foi uma mais-valia para perceber as evoluções conseguidas neste percurso.

Para que o processo de desenvolvimento profissional seja completo surge a necessidade de realizar um projeto de estudo, capacitando assim os EE para a prática da investigação. Neste sentido e como futuro profissional do ensino da educação física é minha pretensão estudar as implicações que os diferentes estilos educativos parentais têm na atividade física dos jovens.

## **ESTUDO: A influência dos diferentes Estilos Educativos Parentais nos contextos da prática da Atividade Física dos jovens**

### **INTRODUÇÃO**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS (2010), atribui 6% das mortes anuais a nível mundial à inatividade física, o que tem vindo a despertar uma grande preocupação por várias entidades.

A atividade física na adolescência apresenta inúmeros benefícios para a saúde, tais como uma melhor forma física, menor risco de obesidade, maior autoestima e bem-estar emocional (Ramos et. al 2011; Strong et.al, 2005). A prática de atividade física é fundamental em qualquer idade, mas na adolescência ela é muito importante, pois é nesta fase de crescimento que ocorrem diversas mudanças com o corpo, mudanças emocionais e mudanças nos seus comportamentos. Assim a prática de atividade física e desportiva regular na vida dos adolescentes leva à criação de estilos de vida mais saudáveis e a uma maior probabilidade de manter estes hábitos durante a vida adulta (Castillo et.al, 2007; Ianotti et. al, 2009).

Quando a atividade física ocorre em contexto formal, ou seja de forma organizada e orientada, entram em jogo uma serie de fatores tais como a motivação, a regularidade e a supervisão por pessoas habilitadas, que facilitam

o crescimento pessoal. Nesta linha de pensamento, Casey et.al (2005) referem que participar em atividades organizadas promove a socialização e reduz a probabilidade dos jovens se envolverem em condutas de risco, favorecendo a integração com os seus pares.

Outros dos fatores significativos destaca-se a família que exerce uma influência fundamental, pois é neste contexto social que ocorre um conjunto de interações. Estas interações que ocorrem entre pais e filhos relativamente às abordagens comportamentais e interativas, são classificadas como estilos educativos parentais (Parke e Buriel, 1998 cit por Grande C. et. al, 2006), podendo ser agrupadas em quatro categorias: autorizado, autoritário, permissivo e negligente.

Os estilos educativos e as dimensões do comportamento parental são importantes para o desenvolvimento e adaptação tanto da criança como do adolescente (e.g. Cruz, 2005; Hart, Newell & Olsen, 2003; Parke & Buriel, 1998). Estas dimensões incluem um conjunto de comportamentos parentais que envolvem a procura de informação por parte dos pais relativamente aos comportamentos dos filhos e contextos por eles frequentados (Dishion & Mc Mahon, 1998).

O suporte parental consiste nas diferentes formas sob as quais os pais influenciam e incentivam a prática de atividade física das crianças (Beets, Cardinal, & Alderman, 2010 cit por Pereira, 2012). Existe diferentes tipos de suporte parental em relação à prática de atividade física dos filhos, caracterizando-se de tangível ou intangível (Trost et. al, 2003; Duncan et al., (2005); Beets et al., 2010; Lawman & Wilson, 2012 cit. Por Pereira, 2012).

O suporte parental tangível abrange todo o apoio por parte dos pais que facilitam e proporcionam a prática de atividade física, como pagar mensalidades, fornecer boleias para os locais de prática, bem como supervisionar e envolver-se diretamente na mesma. (Trost et al., 2003 cit por Pereira, 2012).

O suporte parental intangível consiste em prover incentivos motivacionais que encorajam, elogiam e fornecem informações sobre a prática e seus benefícios (Beets et al., 2010 cit por Pereira, 2012).

O estudo tem como objetivo avaliar possíveis relações entre os estilos educativos parentais e a prática de atividade física dos jovens adolescentes.

## **METODOLOGIA:**

### **Amostra:**

Este estudo teve por base uma amostra constituída por 176 discentes sendo 88 do sexo masculino (50%) e 88 do sexo feminino (50%), com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos de idade, da Escola Secundaria da Boa Nova (ESBN) do concelho de Matosinhos e da Escola Secundaria de Ermesinde (ESSE) do concelho de Valongo, ambas do distrito do Porto. Estes alunos integravam as diferentes turmas do grupo de estudantes estagiários da FADEUP, e grupos de desporto escolar com os quais os estagiários estavam envolvidos.

### **Instrumentos:**

Para a concretização deste estudo, para a recolha de dados utilizou-se dois questionários distintos:

Questionário de Atividade Física (QAF) – este questionário foi desenvolvido por Ledent et.al (1997), sendo este constituído por cinco questões com quatro opções numa escala de quatro pontos permitindo um máximo global de 20 pontos.

Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP) – Adaptado por Barbosa-Duchame, Cruz, Marinho e Grande (2006), a partir das Parenting Scales de Lambom, Mounts, Steinberg e Dombush (1991), e por Cruz e

Barbosa-Duchame, a partir da escala de evaluación de los estilos educativos parentales (Olivia, Parra, Sanchez-Queija e Lopez, 2007), com autorização dos autores. Este questionário é composto por trinta e três perguntas com quatro opções de resposta (Nunca ou quase nunca; Às vezes; Frequentemente; Sempre ou quase sempre). Através das respostas vai ser possível considerar três dimensões relativamente acerca da relação que o sujeito tem com o pai, ou pessoa com quem vive e representa esse papel e com a mãe, ou pessoa com quem vive e representa esse papel, sendo elas a monitorização, o afeto e promoção de autonomia.

### **Procedimentos:**

O estudo foi orientado pela professora doutora Paula Silva e realizado no âmbito do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

A aplicação dos questionários realizou-se durante as aulas de educação física certificando-se assim a autonomia dos participantes, assim como a disponibilização dos estudantes estagiários para esclarecimento de dúvidas, imprimindo um cunho de seriedade a todo o processo. Foi também distribuído a cada estudante um “Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido” para assinarem, garantindo o consentimento na participação do estudo assim como a confidencialidade e anonimato dos dados.

### **Análise de Dados:**

A análise estatística foi efetuada através do programa estatístico SPSS v20.0 (SPSS, 2011). O grau de significância estabelecido foi de  $p < 0,05$ . E foi realizada uma correlação bivariada, através do coeficiente de correlação de Pearson.

Na correlação entre os dois questionários obteve-se os seguintes resultados (Tabela 2 – correlação entre QEEP e QAF):

**Tabela 2 – Correlação bivariada entre dimensões do QEEP e o QAF**

		Monitorização Pai	Afeto Pai	Promoção de autonomia Pai	Monitorização Mãe	Afeto Mãe	Promoção de autonomia Mãe
Índice de Atividade Física (IAF)	R	0.028	0.028	-0.027	-0.102	-0.115	-0.132
	p-value (2-tailed)	0.718	0.719	0.721	0.182	0.129	0.082

\* correlação significativa < 0.05

Através da tabela 2 pode verificar-se que não existe nenhuma associação significativa entre as dimensões do QEEP e o IAF.

Correlacionou-se também a pergunta “participa em competições desportivas” do QAF com as dimensões do QEEP (Tabela 3 – Correlação da participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP).

**Tabela 3 Correlação da participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP**

		Monitorização Pai	Afeto Pai	Promoção de autonomia Pai	Monitorização Mãe	Afeto Mãe	Promoção de autonomia Mãe
Participa em competições desportivas	R	0,036	0,031	-0,006	-0,138	-0,115	-0,196
	p-value (2-tailed)	0.642	0.686	0.941	0.071	0.128	<b>0.009*</b>

\* correlação significativa < 0.05

A correlação entre as dimensões do QEEP e a pergunta “Participa em competições desportivas”, pode interpretar-se que a participação em competições desportivas se associa significativamente de forma negativa à promoção de autonomia da mãe.

Correlacionou-se ainda a participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP, mas separando os resultados por género. (Tabela 4 – Correlação participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP – separadas por género)

**Tabela 4 - Correlação participação em competições desportivas com as dimensões do QEEP – separadas por género**

		Monitorização Pai	Afeto Pai	Promoção de autonomia Pai	Monitorização Mãe	Afeto Mãe	Promoção de autonomia Mãe
<b>Participa em competições desportivas - Rapazes -</b>	<b>R</b>	0.313	0.204	0.642	0.093	0.392	-0.009
	p-value (2-tailed)	<b>0.004*</b>	0.058	0.297	0.400	0.580	0.935
<b>Participa em competições desportivas - Raparigas -</b>	<b>R</b>	-0.151	-0.021	-0.021	-0.262	-0.138	-0.232
	p-value (2-tailed)	0.178	0.852	0.852	<b>0.014*</b>	0.200	<b>0.030*</b>

\* correlação significativa < 0.05

Como resultados obtivemos uma associação significativa nos rapazes entre a participação em competições desportivas e a monitorização por parte do pai.

Nas raparigas obtém-se também uma associação significativa mas negativa entre a participação em competições desportivas e a promoção de autonomia da mãe e monitorização da mãe.

### **Discussão de dados:**

Como se pode observar pelos resultados neste estudo não existe qualquer relação estatisticamente significativa entre o índice de atividade física e as três dimensões que definem o estilo educativo parental, isto pode ocorrer devido à amostra apresentar um número insuficiente de indivíduos, pois outros estudos que relacionam este tema apresentam amostras com um maior número de indivíduos como é exemplo os estudos de Santos et. al. (2004) e Jago et. al. (2011). Apesar de neste estudo não haver nenhuma relação, no estudo de Simões et. al. (1999) aponta que a monitorização por parte dos pais parece desempenhar um papel importante na prática desportiva dos filhos.

Relativamente à associação significativa de forma negativa entre a participação em competições desportivas e a promoção de autonomia da mãe e ainda apoiando no estudo de Santos, M. P. et. al. (2004), que sugere que as mães tem um papel mais prático na formação e organização das atividades dos filhos, logo serão estas que controlam mais os seus horários, e como os resultados obtidos são através das perceções que os jovens têm em relação à mãe, neste caso, a perceção dos mesmos poderá ser que as mães não lhes dão autonomia por serem elas a controlar os seus horários.

Segundo o estudo de Simões, A. et. al (1999) onde descreve o pai como grande facilitador na participação e acompanhamento da prática desportiva do filho, ao contrário da mãe onde não foi observada nenhuma relação estatisticamente significativa, e ainda afirma que as crianças reconhecem que as mães não exigem qualquer tipo de resultados desportivos. Este autor vai de encontro aos resultados obtidos na tabela 4 onde obtivemos uma associação significativa nos rapazes entre a participação em competições desportivas e a monitorização por parte do pai, e ainda uma associação significativa mas

negativa entre a participação em competições desportivas e a promoção de autonomia da mãe e monitorização da mãe.

### **Conclusão:**

Conclui-se que não houve associações significativas entre as dimensões do QEEP e o Índice da Atividade Física.

Relacionando as dimensões (Monitorização, Afeto e Promoção de autonomia) do QEEP relativamente ao pai e à mãe com a participação dos jovens em competições desportivas verificamos que apenas existe uma correlação estatisticamente significativa no sentido negativo referente a essa prática e à promoção da autonomia por parte da mãe.

Relacionando as dimensões do QEEP com a participação dos jovens em competições desportivas, mas apresentando os resultados diferenciados por sexo existe uma correlação estatisticamente significativa os rapazes e a monitorização por parte do pai e uma correlação estatisticamente significativa mas negativa nas raparigas em relação à monitorização da mãe e à promoção de autonomia da mãe.

O facto de a amostra ser relativamente pequena fez com que não houvesse muitas correlações com significado estatístico limitando a análise dos resultados



## **V. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS PARA O FUTURO**



## Conclusões e Perspetivas para o futuro

“A maior recompensa pelo nosso trabalho não é o que nós ganhamos com ele, mas aquilo em que ele nos transforma”  
(John Ruskin)

Desafiadora! É sem dúvida a palavra que melhor descreve esta minha vivência enquanto EE e revelou-se muito gratificante.

Este estágio revelou-se bastante interessante na medida em que tive oportunidade de conviver com outros docentes com diferentes experiências (idades diferentes, contexto de trabalho diferentes, práticas educativas distintas...) e através disso partilhar um pouco da minha prática, refletindo sobre a mesma. Na fase inicial foi pertinente refletir em conjunto sobre qual o papel do professor de educação física, a importância da sua postura e o domínio da turma. É realmente com satisfação que recordo todo o percurso e revejo a forma como cada um se dedicou e partilhou saberes e experiências.

A dinâmica deste estágio decorreu no sentido de dotar os EE, futuros docentes da educação de forma de saber e de saber fazer, tendo consciência de que as estratégias descritas constituem uma forma possível para alcançar os objetivos esperados.

O estágio profissional permitiu-me pôr em prática os meus conhecimentos teóricos e princípios educativos e fez-me refletir, analisar, aprender com várias situações, acreditando que me tornei mais perspicaz, mais interpretativo, mais capaz de apreender as características de cada aluno e o mais importante ter tido a oportunidade de crescer a aprender.

Neste percurso que vai da necessidade de dar resposta a questões básicas como o ter alunos na sala e o problema de sobrevir no seu interior com uma funcionalidade mínima, posso dizer que fiz um percurso de grande crescimento. As conquistas exigiram esforço, luta contra o desânimo, mas também exigiram apoios – apoio da PC, da PO e dos colegas estagiários.

Este processo foi emergindo, dia a dia e revelou que a formação inicial por si só não dá o que tem que ser construído em ação, em contexto e com a prática.

Concluo assim que a transformação pode estar na postura e atuação do professor no terreno, na reconfiguração das suas práticas, o que implica uma análise e uma reflexão crítica dessa mesma postura e dessas práticas.

A riqueza do conhecimento está em considerar diferentes formas de trabalhar em consonância com os contextos e com todos os elementos envolvidos, na perspetiva de responder às necessidades aferidas e interesses de todos. Assim no decurso do estágio passando por diferentes fases, fui delineando estratégias de atuação as quais foram enriquecidas através de alguma revisão da literatura e das sugestões uteis da PC e PO.

Penso ter conseguido um conjunto de informações e conhecimentos relevantes para a futura profissão de professor, no entanto não posso deixar de ter presente que outros caminhos serão viáveis para a concretização deste mesmo propósito.

As reflexões e mudanças de estratégias pedagógicas favoreceu enormemente a minha atuação, pelo que recomendo que isto não seja descurado e sirva de mote para outras atuações a nível da escola. Ficou claro que no futuro é importante valorizar e integrar os saberes e experiências de todos os elementos do processo de ensino, assim como fundamentar sempre com a literatura existente relacionada com a área.

## **VI. BIBLIOGRAFIA**



## BIBLIOGRAFIA

Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora

Bento, J. O. (1987). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bloom, B. S., Hastings, J. T., & Madaus, G. F. (1971). *Handbook on formative and summative evaluation of student learning*. New York: McGraw Hill

Carreiro da Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das Condições e Factores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa

Casey, D., Ripke, M. &Huston, A. (2005). *Activity participation and the well-being of children and adolescents in the context of welfare reform*. En J. Mahoney, R. Larson, & J. Eccles (Eds.), *Organized activities as contexts of development, extracurricular activities, after school and community programs* (pp. 65-84). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates

Castillo, I., Balaguer, I. y Garcia-Merita, M. (2007). *Efecto de la práctica de actividad física y de la participación deportiva sobre el estilo de vida saludable en la adolescencia en función del género*. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(2), 201-210.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto

Dishion, T. J., & McMahon, R. J. (1998). *Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical formulation*. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1, 61-75.

Emmer, E., Evertson, C., & Anderson, L. (1981), *Synthesis of research on Classroom Management*. *Educational Leadership*. 38, (4). 342-347

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação: o papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Hart, C. H., Newell. L. D., & Olsen, S. F. (2003), *Parenting skills and social-communicative competence in childhood*. In J. O. Greene & B. R. Burlison (Eds.), *Handbook of communication and social interaction skills* (pp. 753-797), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Ianotti, R. J., Kogan, M. D., Janssen, I. y Boyce, W. F (2009). *Patterns of adolescent physical activity, screen-based media use and positive and negative health indicators in the U.S. and Canada*. *Journal of Adolescent Health*, 44, 493-499

Jago, R., Davison, K., Brockman, R., Page, A, Thompson, J., & Fox, K. (2011). *Parenting styles, parenting practices, and physical activity in 10 to 11 year olds*. *Preventive Medicine* 52: 44–47

Ledent, M., M. Cloes, R. Telama, L. Almond, J. Diniz, and M. Piéron. *Participation des jeunes européens aux activités physiques et sportives*. *Sports*. 159/160:61-71, 1997.

OMS (2010). Global recommendations on physical activity for health. Geneva: World Health Organization

Pacheco, J. A., & Flores, M. A., (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.

Pais, A., & Monteiro, M. (2002). *Avaliação: uma prática diária (2ª ed.)*. Lisboa: Editorial Presença.

Parke, R. D. & Buriel, R. (1998), *Socialization in the family: ethnic and ecological perspectives*. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed), *Handbook of child psychology: Vol. 3 Social, emotional and personality development (5ª ed., 463-552)*. New York: Wiley

Pereira, S. (2012). *Parental and Peer Support on Physical Activity Among Portuguese Children and Adolescents*. Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Exercício e Bem-Estar, no Curso de Mestrado em Exercício e Bem-Estar variante de Exercício, Nutrição e Saúde conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa

Ramos, P., Rivera, F., Moreno, C. y Jiménez-Iglesias, A. (2011). *Análisis de cluster de la actividad física y las conductas sedentarias de los adolescentes españoles, correlación con la salud biopsicosocial*. Manuscrito enviado para su publicación.

Santos, M. P., Esculcas, C. & Mota, J. (2004). The Relationship Between Socioeconomic Status and Adolescents' Organized and Nonorganized Physical Activities. *Pediatric Exercise Science*. 16, 210-218

Sarmiento, P.; Leça da Veiga, A.; Rosado, A.; Rodrigues, J. & Ferreira, V. (1998). *Pedagogia do Desporto – Instrumentos de observação sistemática em Educação Física e Desporto*. Faculdade de Motricidade Humana, Serviço de Edições. Cruz Quebrada.

Siedentop, D. (1991). *Development teaching skills in physical education*. Mountain View, C A: Mayfield

Siedentop, D., & Tannehill, D. (2000). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (4<sup>a</sup> ed.): Mayfield Publishing Company

Silverman, S. J., & Ennis, C. D. (1996). *Student learning in physical education applying research to enhance instruction*. Champaign: Human Kinetics.

Simões, A. et al (1999) A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Rev. paul. Educ. Fis.*, São Paulo 13(1): 34-45, jan./jun. 1999

## **ANEXOS**





## Anexo I – Ficha de incidentes críticos

ESCOLA SECUNDÁRIA DA BOA NOVA



### FICHA DE INCIDENTES CRÍTICOS

Aula Nº	Data	Local	Modalidade

Observador	Professor Observado

Aspetos Fundamentais	
1.	Gestão do tempo de aula (tempo empenhamento motor, tempo de instrução, tempo de organização da turma, tempo de espera...)
2.	Seleção de atividades
3.	Organização das atividades
4.	Interação professor/alunos
5.	Comportamento dos alunos
6.	Segurança
7.	Observações



## Anexo II – Ficha de observação dos comportamentos do professor

### Sistema de observação do comportamento do professor

Data: \_\_\_\_\_ Aula: \_\_\_\_\_ Professor observado: \_\_\_\_\_ Professor observador: \_\_\_\_\_ Modalidade: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

		Unidades de Tempo											
		0''– 5''	5''– 10''	10''– 15''	15''– 20''	20''– 25''	25''– 30''	30''– 35''	35''– 40''	40''– 45''	45''– 50''	50''– 55''	55''– 60''
Minutos	6'												
	7'												
	8'												
	15'												
	16'												
	17'												
	24'												
	25'												
	26'												
	33'												
	34'												
	35'												
	42'												
	43'												
	44'												
	51'												
	52'												
	53'												
	60'												
	61'												
	62'												
69'													
70'													
71'													

### Legenda

**I** – Instrução      **FB** – Feedback      **O** – Organização      **Ap** – Afetividade positiva  
**An** – Afetividade Negativa      **Iva** – Intervenções verbais dos alunos      **Ob** – Observação      **Oc** – Outros comportamentos

**\*Amostragem temporal de 10 períodos de 3 minutos**



### Anexo III – Ficha de observação dos comportamentos dos alunos

#### Sistema de observação do comportamento dos alunos

Data: \_\_\_\_\_ Aula: \_\_\_\_\_ Professor observado: \_\_\_\_\_ Modalidade: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

		Unidades de Tempo																		
		0''– 5''	5''– 10''	10''– 15''	15''– 20''	20''– 25''	25''– 30''	30''– 35''	35''– 40''	40''– 45''	45''– 50''	50''– 55''	55''– 60''							
Minutos	6'																			
	7'																			
	8'																			
	15'																			
	16'																			
	17'																			
	24'																			
	25'																			
	26'																			
	33'																			
	34'																			
	35'																			
	42'																			
	43'																			
	44'																			
	51'																			
	52'																			
	53'																			
	60'																			
	61'																			
62'																				
69'																				
70'																				
71'																				

#### Legenda

<b>AM</b> – Atividade Motora	<b>DM</b> – Demonstração	- <b>Aj</b> – Ajuda	<b>M</b> – Manipulação do Material
<b>D</b> – Deslocamentos	- <b>Ai</b> – Atenção à Informação	<b>E</b> – Espera	<b>Cft</b> – Comportamentos fora da tarefa
<b>Iv</b> – Intervenções verbais	<b>Af</b> – Afetividade	<b>OC</b> – Outros comportamentos	